

O ato colecionador: uma visão a partir das disciplinas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia

The collector's act: a view through the disciplines of Archival Science, Library Science and Museum Studies

Leonardo Vasconcelos Renault

Doutorando em Ciências da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

E-mail: lvrenault@gmail.com

Carlos Alberto Ávila Araújo

Doutor em Ciências da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Professor Associado da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Diretor da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

E-mail: casalavila@yahoo.com.br

Resumo

Neste artigo se analisa a relação do conceito de colecionismo com as áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. Problematiza dessa forma, questões específicas para cada uma delas e ao mesmo tempo similitudes sob a questão do ato colecionador. Nesse sentido visualiza uma possibilidade de diálogo que transponha o escopo das práticas profissionais das áreas e proponha um debate transversal. Assim, introduziu-se o conceito da categorização do colecionismo em três períodos históricos: Renascimento, Iluminismo e Contemporâneo, buscando relacioná-los com as disciplinas apresentadas neste artigo. Dessa forma, o que se propõe é a incorporação do conceito de colecionismo como tema fundamental para a constituição destes campos. Por fim, argumenta sobre a relevância de se pensar a dimensão dos aspectos colecionistas em complemento aos estudos de acesso, pois os temas não estão postos numa relação de superposição (ou superação temporal) e podem ser retomados de forma contemporânea e original sem desconsiderar uma das perspectivas.

Palavras-chave: Colecionismo. Biblioteconomia. Arquivologia. Museologia.

Abstract

In this article discusses the relationship of the concept of collectionism with the areas of Archivology, Library Science and Museology. Problematizes this way, issues specific to each of them, and the same time, similarities in the matter of the collector's act. Accordingly view a possibility of dialogue that transpose the purpose of the professional practices of the areas and propose a cross debate. Thus, introduced the concept of categorization of collectionism in three historical periods: Renaissance, Enlightenment and Contemporary, seeking to relate them to the subjects presented in this article. This way, what you propose is the incorporation of the concept of collecting as a topic fundamental to the constitution of the fields discussed in this work. Finally, argues about the relevance of considering the dimension of the collector's aspects in addition to access studies, because the themes are not in a relationship of superposition (or overcoming temporal) and can be taken from contemporary and original approach without disrespecting one of the original perspectives.

Keywords: Collectionism. Library Science. Archival Science. Museum Studies.

1. O Colecionismo e o colecionar

Pensando na constituição dos arquivos, museus e bibliotecas em nossa sociedade, de imediato, surge a questão da preservação destes espaços, da organização e recuperação da informação colecionada nestas instituições. Por outro lado, uma questão que por vezes nos escapa é a gênese destas coleções. Quem e por que colecionou? Quais as questões que subjazem a emergência das coleções? Dessa forma, o colecionismo se torna uma espécie de fomentador para as discussões nas áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, pois problematiza a gênese dos fluxos de informação e, vistos sob essa ótica, desvelam uma série de argumentos e desdobramentos fecundos para as áreas de modo geral. Essa proposta permitiria tratar a relação do colecionismo com cada uma das áreas separadamente, mas a opção de lidar com as três áreas se justifica pelo contexto de efervescência do tema (sobretudo no cenário brasileiro) e, principalmente, por conta da ampliação de análises e conjecturas que se tornam possíveis com a proposição de análise das três disciplinas em conjunto.

Nesse sentido, algumas questões, para cada uma das disciplinas, podem ser colocadas no sentido de aprimorar o entendimento das coleções vistas em sua organicidade, abrangência e objetivos. Na Biblioteconomia, por exemplo, existe a área de desenvolvimento de coleções, mas ela acabou negligenciando os aspectos históricos constituição da coleção, pois privilegiou aspectos administrativos no trato com a mesma:

Decorrente dessa influência da Administração, as coleções bibliográficas foram estudadas de forma a-histórica, como se elas sempre tivessem existido dessa forma, esquecendo suas origens e seus percursos. Interessante que, para conceber os objetivos de uma biblioteca, de um museu e mesmo da política de suas coleções necessitamos saber, antes, como essas coleções se formaram. Pois é exatamente o “vaivém” dessas coleções que imprimem seus objetivos e suas políticas. Assim, a Biblioteconomia se interessou em menor escala pela formação das coleções, sem perceber que é justamente o motivo que leva alguém a colecionar que, posteriormente, determinará os objetivos da coleção. (MURGUIA, 2007, p.7).

Esses estudos de constituição das coleções nas bibliotecas é algo que realmente merece mais atenção, pois poderiam desvelar diversas questões que vão desde parcerias intelectuais (através de dedicatórias, por exemplo) até o entendimento mais complexo das relações de poder representadas pelas “escolhas” sobre determinadas correntes do pensamento e assuntos na composição do acervo.

A escolha pela Biblioteconomia para demonstrar esta relação se dá justamente por ser a temática: “desenvolvimento de coleções” tão consolidada na área. De qualquer forma, esta preocupação pode e deve ser estendida para as outras disciplinas como veremos adiante.

Assim, na tentativa de avançar na construção de um conceito mais amplo e, portanto adequado à proposta do artigo, buscou-se um entendimento de coleção que caiba nas disciplinas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia.

É portanto possível circunscrever a instituição de que nos ocupamos: uma coleção, isto é, qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das actividades económicas, sujeitos a uma protecção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público. (POMIAN, 1994, p. 53)

Observa-se que a definição de Pomian mostra um caminho muito interessante para a construção do argumento deste trabalho, uma vez que coloca a coleção numa relação que cabe também na Arquivologia, pois abre a perspectiva para os objetos colecionáveis serem considerados, ora como “naturais”, ora como “artificiais”. Dessa forma, e vistos em um conjunto cabe, tanto a definição de coleção arbitrária e artificial (bibliotecas e museus) quanto a orgânica e natural (arquivos). Embora, adiante, neste artigo, estes conceitos sejam relativizados, neste momento a questão é apenas sobre a amplitude do conceito. Acrescenta-se aí a noção de temporalidade da guarda, tão cara para a Arquivologia, mas também importante para a Biblioteconomia e Museologia em suas avaliações específicas das coleções visando evidentemente propósitos distintos.

O colecionismo ou o ato colecionador é tema de várias áreas do conhecimento e prática que remonta aos primórdios da civilização humana. Colecionar pode inclusive se fazer análogo à condição da razão e à ordenação do discurso, pois,

Colecionar, do latim *collectio*, possui em seu núcleo semântico a raiz *leg, de alta relevância em todos os falares indo-europeus – e mesmo antes, pois esta raiz está entre as poucas que conhecemos do proto-indo-europeu, há mais de 4 mil anos atrás, com sentidos ordenadores. No grego clássico, em seu grau “o”, produz o morfema *log*, avizinjado, em seu grau “e”, de *leg*, ambos repletos de derivados. Nesta família lingüística, aparece o núcleo semântico e significativo do colecionismo: uma relação entre pôr ordem – raciocinar – (*logein*) e discursar (*legein*), onde o sentido de falar é derivado do de coletar: a razão se faz com o discurso. (MARSHALL, 2005, p. 15)

Tendo essa referência etimológica, pode-se, de imediato, associar a idéia de colecionismo com as disciplinas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia porque todas elas se ocupam de alguma forma na ordenação do conhecimento, dos documentos, informações e da cultura. Por outro lado, essa imediata associação pode se revelar frágil e imediatista, posto que baseada em um único argumento e tomando apenas uma referência etimológica. De qualquer forma, não se pode ignorar o potencial desta referência e o indício para um início de discussão.

No sentido de trazer mais argumentos para a discussão, o próprio autor (MARSHALL, 2005) amplia o argumento, mostrando a anterioridade do termo colecionismo e extrapolando a definição para além da discussão etimológica:

Coletando e, logo, colecionando, nossos ancestrais aprenderam a discernir recursos naturais e a selecionar possibilidades vitais do mundo; desde a pré-história e a cada nova geração, conseguimos organizar sons e sinais sob a forma de discurso. Com estes dois dons, coletar e falar, abrem-se diante de nós as condições essenciais da vida comunitária: sustentabilidade e comunicação. (MARSHALL, 2005, p. 14)

Diante destes argumentos, e de forma sintetizada, sinaliza-se na direção de uma construção histórica do colecionismo remontando aos primórdios da humanidade. Evidentemente essa evolução pode ser apontada com mais detalhes através das “idades” históricas das instituições em relação ao abrigo das coleções, no caso, dos arquivos, museus e bibliotecas.

Assim, propõe-se uma primeira tentativa de caracterização do ato colecionador que pode ser apresentada em três momentos não excludentes: uma primeira abordagem **Renascentista** caracterizada por um espírito pré-científico que gira em torno da empiria e é movido por uma curiosidade que leva a colecionar os objetos em exaustividade, porém tendendo à unicidade; um segundo momento ligado ao espírito **Iluminista**, tendo como principal característica o acirramento do espírito científico e o aprimoramento dos arranjos das coleções e por fim uma característica **Contemporânea** marcada pela serialização dos objetos e pelo acirramento do consumo. Deve-se fazer uma ressalva, no entanto quanto à atemporalidade dessas categorias, no sentido de que podemos observar características renascentistas ou iluministas no nosso contexto contemporâneo ou do coetâneo na renascença e assim por diante. Essas categorias serão explicitadas e melhor delimitadas no tópico seguinte.

2. Tentativas de categorização do ato colecionador

Com o intuito de criar um quadro comparativo para observar o desdobramento do ato colecionador nas disciplinas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, buscou-se a compreensão do mesmo do decurso de sua historicidade:

Sabe-se que a história do ato de colecionar é a narrativa de como os seres humanos se apropriam, na esfera particular, dos sistemas de classificação que herdaram. Podendo tomar distintas funções, desde o acúmulo até a ordenação simétrica, de feição estética, o colecionismo é amplo e complexo. (MACIEL, 2009, p. 27).

Dessa forma, a categorização do ato colecionador ficou dividida em três grandes momentos: Renascentismo, Iluminismo e Contemporâneo.

O espírito renascentista do ato colecionador se caracterizava por uma valorização do indivíduo, que movido pela curiosidade colecionava o máximo de itens possíveis, pois, segundo Pearce (1995) a tentativa era de criar um microcosmo, contudo é importante lembrar que começa aqui uma tentativa de sistematização mais racional, pois a visão racionalista (ainda que pré-científica e essencialmente empirista) superou uma visão mais mística ou intuitiva do ato colecionador.

Fazendo um grande salto, temos, com a chegada do Iluminismo, uma visão mais sistematizada das coleções:

Já na época em que Sloane viveu, o ato de colecionar sofrera uma brusca mudança de natureza. O Iluminismo e o surgimento das academias, onde estudiosos se reuniam para discutir e compartilhar suas pesquisas, conduziram a formas mais metódicas de abordar o mundo material e a formas mais especializadas de colecionar. A ambição de colecionar tudo que fosse digno de nota, natural em Aldrovandi e Tradescant, ceder a vez a uma divisão de disciplinas, e dentro delas um novo projeto surgiu: a classificação racional e a descrição completa da natureza e, finalmente, da arte. (BLOM, 2003, p. 145).

O ato colecionador iluminista culminou na sistematização dos grandes esquemas de classificação, fato este extremamente importante para as áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia e que de certa forma deu sustentação para a institucionalização das mesmas como disciplinas científicas que se concretizaria a partir do século XIX e no decorrer do século XX.

Por fim temos a idade contemporânea ou moderna como caracterização do ato colecionador. Onde:

Objetos produzidos em massa são a face mais comum do ato de colecionar nos dias de hoje, apesar de dificilmente ser a mais espetacular: a prateleira povoada de porcos de cerâmica, o armário com prato Sheffield, o álbum com velhas cenas urbanas, a estante com taças de vinho ou alfinetes de chapéu ou animais fofos, a caixa com velhos canhotos de ingressos de futebol, programas de teatro ou passagens de trem de vários lugares do mundo; todos pequenos santuários de diferentes passados, fugas do presente, afirmações de individualidade, de saudade e esperança. (BLOM, 2003, p. 188).

Essa característica do ato colecionador contemporâneo leva a afirmação do consumo como elemento central da prática colecionista. Este esquema de repetição e diluição de fronteiras conduz a perspectivas de diluição de certos conceitos relativizando inclusive a importância cultural de determinados objetos. Neste sentido Baudrillard (2009) fala do conceito de serialidade, onde a motivação serial é visível em toda parte e, muitas vezes, o colecionador se motiva mais pela completude da série do que pelo conteúdo do objeto em si. “Todo objeto tem desta forma duas funções: uma que é a de ser utilizado, a outra a de ser possuído”. (BAUDRILLARD, 2009, p. 94).

Resumidamente essas são as tentativas de categorização do ato colecionador, sobretudo porque uma análise apressada tende a enquadrar o colecionismo como conceito superado ou localizado a práticas renascentistas em virtude da proliferação dos gabinetes de curiosidade, das grandes bibliotecas do mundo antigo e dos primeiros acúmulos de registros reais com o intuito de legitimar poderes e riquezas¹. Assim, pressupõe-se que um primeiro esboço de um quadro esquemático para se observar e localizar o ato colecionador nas disciplinas propostas aqui esteja se desenvolvendo.

¹ Como pode ser visto no manual “De Archivis Liber Singularis” de Baldassare Bonifacio (1632).

3. Ainda sobre coleções

Outra possibilidade de análise do tema é pensar como são formadas as coleções que posteriormente serão abrigadas nas instituições colecionadoras abordadas aqui. Se o nosso caminho de argumentação for a literatura específica de cada uma das disciplinas (Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia) correremos o risco de ficar com uma visão muito endógena da questão. Por outro lado, vendo o tema de forma ampla, mas não necessariamente interdisciplinar, pode-se ter uma visão menos ingênua a respeito das coleções:

Este é o meu ponto de partida: a de que todo arquivo é uma invenção e toda narrativa é uma construção composta por um conjunto de documentos selecionados por um grupo e/ou indivíduo que lhes dá forma e conteúdo. (CARNEIRO, 2011, p. 328)

Pode-se facilmente, na formulação de Carneiro (2011) estender a palavra arquivo para biblioteca e museus, pois toda coleção pode ser considerada uma invenção, uma representação da cultura humana ou no máximo uma aproximação da realidade. Neste sentido, a relação destas instituições com a cultura fica bem evidente, pois,

Bibliotecas, arquivos e museus são instituições cuja origem se confunde com a própria idéia de cultura. Desde as sociedades da Antiguidade, existe a preocupação com a preservação e transmissão das experiências e conhecimentos acumulados, implicando algum tipo de inscrição material destas experiências e conhecimentos. A origem das bibliotecas e arquivos é comumente relacionada à origem da passagem da oralidade para a escrita; a dos museus, associada ao colecionismo que marcou as grandes civilizações da Antiguidade. (ARAUJO, 2010, p.176-177).

Em termos de problematização da gênese das coleções, Araujo (2010) nos fornece mais elementos colocando a biblioteca e o arquivo como provenientes da passagem da oralidade para a escrita e os museus associados ao colecionismo. No entanto, como vimos neste trabalho o próprio discurso como conhecimento registrado e sistematizado está ligado à essência da palavra “coleção”. De qualquer forma, a distinção não deixa de ser interessante e frutífera para se problematizar outros aspectos do ato colecionador no contexto apresentado neste trabalho.

Outro aspecto a ser ressaltado é a relação dessas instituições com a cultura, o que desvela uma série de questões epistemológicas, sobretudo, na problematização dos objetos das áreas de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia.

Outra contribuição relevante para a sistematização da cultura como conceito central para as três instituições nos fornece Smit (2003):

O museólogo Homulos (1990) sinaliza pistas norteadoras para o debate, ao recusar o estabelecimento de fronteiras rígidas entre museus, arquivos e bibliotecas e propor uma organização destas instituições ao longo de um grande contínuo tendo as bibliotecas numa extremidade, os museus na outra e os arquivos no meio do contínuo. Na acepção do autor cada instituição, de acordo com o momento, se colocaria preponderantemente numa lógica ou noutra. O autor menciona, dentre outros, um critério que distingue as instituições, ou seja, o "conteúdo informacional" de cada uma: na biblioteca a coleção dos documentos representa a própria informação estocada ao passo que no arquivo os documentos informam sobre a instituição que os acumulou. Homulos denomina o conjunto formado pelos arquivos, bibliotecas e museus "Instituições coletoras de cultura". Se o texto de Homulos significou um grande avanço, ao tornar as fronteiras entre as instituições fluidas, a expressão "coletor de cultura" direciona novamente para o estoque, ou o acervo. Em função do acima exposto, embora as diferenças entre instituições existam, e não possam ser ignoradas, as mesmas encontram sua fundamentação teórica principal no paradigma do acervo. (SMIT, 2003, p.6).

Essa expressão a qual Smit (2003) pontua no pensamento de Homulos (1990, p.11-13); "coletor de cultura", nos auxilia a pensar na gênese das coleções como produto da cultura. Ou seja, cultura, é um elemento central para as áreas em discussão neste artigo quando se analisa a gênese das coleções, pois ao final quando tratamos de informação, documento ou qualquer que seja o termo utilizado na área, em última instância estamos falando de produtos culturais; ou da ordem da cultura. E, uma vez, inseridas neste quadro, suscetíveis às relações de contradição e poder na sociedade gerando inclusive algumas incongruências entre as destinações das coleções.

São muitos os motivos que levam determinados conjuntos de documentos pessoais e profissionais a se dividirem em coleções distintas abrigadas em instituições com perfis diversos. Todavia, uma dimensão política parece sempre constituir a dinâmica desses trânsitos, traslados e seccionamentos. Por serem registros consagrados da "história", os acervos documentais, transformados em arquivos ou coleções, são elementos cobiçados de políticas de representação contemporâneas à sua "institucionalização" e posteriores ao seu processo de construção e sedimentação, por vezes aleatório, micro-histórico e pessoal. (CUNHA, 2005, p. 12).

Esta questão, apesar de o trabalho de Cunha (2005) tratar de um caso específico, pode ser facilmente visualizada nas nossas instituições brasileiras. É comum a coleção (ou arquivo pessoal) de um autor ficar em uma biblioteca e as suas correspondências serem destinadas a um arquivo e ainda alguns objetos a um museu.

Neste sentido, e a título de exemplificação, podemos recuperar as situações dos acervos familiares que são doados para as bibliotecas, por vezes desmembrados de seus arquivos e mobiliários que tardiamente serão doados e, nem sempre, para as mesmas instituições. Outra situação comum é o desafio de elucidação de acervos que guardam poucas e, por vezes nenhuma, relação com os objetivos da instituição onde está abrigado. Soma-se a isso a questão da "hibridez" ou multicplidade de formatos e contextos das coleções fazendo

com que as bibliotecas tenham objetos de arte, os arquivos tenham livros e os museus documentos de “natureza” arquivística. Estas questões evidentemente possuem soluções de tratamento em cada uma das disciplinas, mas a prática revela que nem sempre as decisões são as mais adequadas.

Essa fragmentação por vezes não está minimamente referenciada gerando algumas coleções de “exceções” ou “arquivos-relicários”:

Daí o meu conceito de arquivos-relicários como um acervo distinto por suas preciosidades (ou maldades), nem sempre interpretadas como tais; um depositário de lembranças ou um conjunto complexo de emblemas que, em um determinado momento, deram brilho à vida de um indivíduo, de uma comunidade ou de uma instituição. (CARNEIRO, 2011, p. 332).

Este fragmento final nos fornece mais uma dimensão da constituição das coleções, por vezes formada com o residual de outras, mas que, sobretudo devem ser lidas com olhar crítico sobre a sua representatividade de uma realidade ou mesmo como invenção do espírito, posto que sempre intencionado.

4. Disciplinas que ordenam o discurso

Após a localização das coleções nos arquivos, bibliotecas e museus ficam algumas questões sobre a abrangência e relevância destas questões para as respectivas disciplinas científicas. Uma primeira visão indica a importância destas coleções para diversas áreas do conhecimento, sobretudo as disciplinas histórico-culturais. De certa forma, os arranjos e estratégias ordenadoras das coleções acabam por criar o próprio discurso.

Todo discurso, por outro lado, como toda sistematização do conhecimento é passível de questionamento. Nesse ponto em específico, notamos que alguns cânones das disciplinas em questão precisam ser pensados numa relação dialética entre o conceito *ad hoc* e os usos que se fazem dele, posto que,

Nessas operações tanto arquivísticas quanto museológicas de tratamento dos fundos documentais dos arquivos literários é que nos deparamos frequentemente com aqueles resíduos inclassificáveis que denunciam os limites, o fora da atividade escrituraria, desestabilizando os saberes disciplinares especializados. E não apenas a arquivística, a museologia, a biblioteconomia, como também aqueles saberes próprios do campo disciplinar dos estudos literários: a crítica genética, a crítica textual e a crítica biográfica. (MARQUES, 2011, p. 196).

Tais destabilizações podem ser vistas como boas oportunidades de questionamento e, portanto, aprimoramento dessas estratégias organizadoras do conhecimento (MARQUES, 2011).

Pomian (1994), no entanto, faz distinção entre os tipos e finalidades de biblioteca para a caracterização de coleções:

Neste caso, o problema não existe, como não existe quando uma biblioteca desempenha a função de arquivo ou quando contém apenas obras de entretenimento. Existem todavia bibliotecas que recolhem unicamente livros de onde se extraem as informações necessárias ao exercício das actividades económicas; estas bibliotecas não podem ser assimiladas às colecções. (POMIAN, 1994, p. 53)

O que o autor parece querer pontuar é uma finalidade mais utilitarista do acervo de determinadas bibliotecas, algo que, parece ser difícil de determinar pela dinamicidade das coleções e dos interesses dos usuários. Contudo, pode-se pensar em uma biblioteca especializada de uma empresa, mas os objetivos desta empresa, a sua relação com o mercado denotam tipos específicos de interesse. Ou seja, neste caso quem coleciona é a empresa, uma vez que faz um recorte da realidade e define um foco de atuação. Estas acepções, a princípio, não parecem ter um interesse histórico, mas se fizermos um exercício de anterioridade veremos, por exemplo, o relevante papel das indústrias de mineração em Minas Gerais para a formação da cultura mineira. De qualquer forma, existem outras abordagens, inclusive contemporâneas para o estudo de coleção em bibliotecas. Um exemplo é a proposta de uma nova biblioteconomia preconizada por David Lankes que afirma: “Sua comunidade é sua coleção”. (LANKES, 2011, p. 159). Essa afirmação tem inúmeros desdobramentos, mas o principal é o viés social da concepção de coleções em bibliotecas, onde o usuário passa a ser considerado como parte (e não apenas objetivo ou foco) da construção do acervo.

A Museologia parece fazer com mais frequência um exercício crítico dos seus arranjos do conhecimento e da cultura representada. Muitas são as abordagens que questionam os “valores” representados nos museus como produto daquilo a que a sociedade elege como relevante.

Concretamente, trata-se de transformar a própria memória consagrada em coleções em objeto de conhecimento crítico, compreendo o processo histórico de incorporação de objetos e coleções como formas específicas de legitimar determinadas representações e identidades sociais nos museus. (JULIAO, 2001, p. 101).

Outro aspecto importante dos museus é o constante estudo dos objetos ali referenciados, tanto do ponto de vista histórico, quanto da cultura, entendida como

representação daquilo que se quer mostrar, ao mesmo tempo em que se cria uma ausência do objeto referenciado.

Para a Arquivologia, e aqui é importante pontuar, que embora os conceitos ora empreendidos possam ser tomados de forma ampla, a maior adequabilidade se dá com os chamados arquivos históricos (incluindo aqui os arquivos pessoais), uma das questões é a dificuldade em lidar com a artificialidade (representatividade) das coleções:

Qual a diferença entre coleções e arquivos? Não muita, parece, pelo menos não na medida em que se tornou axiomático que objetos, assim como coleções, podem ser “documentados”. Uma boa coleção vem acompanhada de seu arquivo. (FABIAN, 2010, p. 62).

Evidentemente, não se trata de questionar os princípios arquivísticos, mas de ampliar o olhar em direção a uma visão mais crítica dos arranjos institucionais, quer sejam do Estado ou do próprio mercado, posto que, “o arquivamento, talvez mais do que o próprio arquivo, poderia ser definido então como o processo de preservar imagens de valor sagrado para uma cultura (...)”. (ANTELO, 2011, p. 155).

Essa crítica, no sentido de uma autoavaliação, é fundamental para entendermos o processo de legitimação de determinados valores e até mesmo direitos, em detrimento de outros. Quando estruturamos a coleção, organizando os seus fundos, definindo os seus tempos de guarda, estamos na verdade atendendo a preceitos definidos pela sociedade, sobretudo pelo Estado como fomentador dos “direitos”. “Nesse sentido, meu foco hoje é ler uma imagem, partindo do pressuposto de que o tempo do arquivo, enquanto tempo da imagem, não é o tempo da história.” (ANTELO, 2011, p. 159-160). Ou seja, existe sempre uma artificialidade na representação, assim como o conhecimento é sempre aproximativo e para alguns não existe sequer a possibilidade de se conhecer².

² Prefere-se a aceção do conhecimento formulada como conhecimento do criador presente na obra de DOMINGUES (2004, p. 34), “... para o qual não há em verdade uma fórmula canônica, mas um conjunto de idéias e proposições mais ou menos implícitas – do real só podemos conhecer efetivamente aquilo que nós mesmos criamos”.

5. Ato final

Dessa forma, podemos concluir que os arranjos possíveis a partir das coleções para as áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia estão em permanente construção. Por outro lado, a categorização do ato colecionador em seus momentos de passagem nos permite um amplo espectro de análises no contexto das disciplinas propostas aqui.

Ao mesmo tempo, cumpre destacar alguns cuidados na maneira como a questão do ato colecionador é trabalhada na perspectiva de possíveis diálogos entre Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. É comum se ver uma apresentação das áreas como ciências que necessitam se adequar à emergência do novo, sobretudo do digital, em relação aos documentos e demais registros do conhecimento humano. Tal apresentação busca marcar uma diferenciação: uma preocupação mais acentuada com a promoção do acesso aos documentos e/ou ao seu conteúdo em diferentes suportes, a resumos, índices ou inventários em que estejam presentes, ou seja, aos instrumentos e processos de recuperação da informação e também de sua disseminação.

Naturalmente essa distinção é importante, mas muitas vezes é tomada em detrimento de entendimento cultural mais amplo, isto é, tomando como ponto de partida um rompimento com a acumulação e ordenação de objetos, registros e documentos físicos. Em parte, tal idéia se assenta numa tentativa de dar uma identidade mais contemporânea para o campo, buscando desligá-lo das instituições do passado, das coisas velhas. Mas também é consequência de uma compreensão apressada do virtual, como se a migração dos registros para o meio digital promovesse uma desmaterialização que significasse ausência de existência sensível, e não sua migração para uma nova condição de existência.

Neste sentido, ressalta-se que a opção pela valorização das coleções e do ato colecionador por extensão não exclui as demais preocupações das áreas. Ao contrário, resgatar essa perspectiva reposiciona o discurso das disciplinas em direção a uma valorização de suas características fundadoras e portanto vitais para o desenvolvimento dos demais processos ligados ao uso dos acervos colecionados. Daí a importância de se resgatar a discussão sobre o ato colecionador numa perspectiva contemporânea.

Referências

- ANTELO, R. O tempo do arquivo não é o tempo da história. In: SOUZA, E. M.; MIRANDA, W. M. (Org.). **Crítica e coleção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 155-175.
- ARAUJO, C. A. A. Ciência da Informação como campo integrador para as áreas de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 1, p. 173-189, jan./jun. 2010.
- BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BLOM, P. **Ter e manter**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2003.
- BONIFACIO, B. **De archivis liber singularis ad amflissimum senatorem Dominicum Molinmn**. Venecia: [s.n.], 1632.
- CARNEIRO, M. L. T. Arquivos-relicários: múltiplas narrativas para a construção da história e da memória. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, W. M. (Org.). **Crítica e coleção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 327-340.
- CUNHA, O. M. G. Do ponto de vista de quem? diálogos, olhares e etnografias dos/nos arquivos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 36, p. 7-32. jul./dez. 2005.
- DOMINGUES, I. **Epistemologia das ciências humanas**. São Paulo: Loyola, 2004. (Tomo I: Positivismo e Hermenêutica – Durkheim e Weber).
- FABIAN, J. Colecionando pensamentos: sobre os atos de colecionar. **MANA**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 59-73, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132010000100003>>. Acesso em: 29 jun. 2012.
- HOMULOS, P. Museums to libraries: a family of collecting institutions. **Art Libraries Journal**, v. 15, n. 1, p.11-13, 1990.
- JULIÃO, L. **Pesquisa histórica no museu**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2001 (Caderno de Diretrizes Museológicas). Disponível em: <http://www.museus.gov.br/sbm/downloads/cadernodiretrizes_quintaparte.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2012.
- LANKES, R. D. **The atlas of new librarianship**. Massachusetts: MIT Press, 2011.
- MACIEL, M. E. **As ironias da ordem**: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.
- MARQUES, R. O que resta nos arquivos literários. In: MIRANDA, W. M.; SOUZA, E. M. (Org.). **Crítica e coleção**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. p. 192 - 203.
- MARSHALL, F. Epistemologias históricas do colecionismo. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, p.13-23, jan./jun. 2005.

O ato colecionador: uma visão a partir das disciplinas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia

MURGUIA, E. I. O colecionismo bibliográfico: uma reflexão sobre o livro para além da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIENCIA DA INFORMACAO, 8., 2007, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2007.

PEARCE, S. M. **On collecting**: an investigation into collecting in the European tradition. London; New York: Routledge, 1995. 440 p.

POMIAN, K. Coleção. In: ROMANO, R. (Dir.). **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Oficial/Casa da Moeda, 1994. (Memória-História, v. 1).

SMIT, J. Arquivologia/Biblioteconomia: interfaces das ciências da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 8, n. 1, jun./dez . 2003.

Artigo submetido em: 12 mar. 2014

Artigo aceito em: 05 mar. 2015